

**PATRICIA
CORNWELL**

O FATOR SCARPETTA

Tradução
RENATA GUERRA

**PA
RA
19
19**

Copyright © 2009 by CEI Enterprises, Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Scarpetta Factor

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Renato Potenza Rodrigues

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Gabriela Ubrig Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cornwell, Patricia

O fator Scarpetta / Patricia Cornwell ; tradução Renata Guerra. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: The Scarpetta Factor.

ISBN 978-85-65530-32-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

13-04306

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

1

Um vento gelado vinha do East River, fazendo esvoaçar o casaco da dra. Kay Scarpetta, que andava apressada pela rua Trinta.

Faltava uma semana para o Natal, mas não havia nem sinal das festas no lugar que ela chamava de Triângulo Trágico de Manhattan, três vértices ligados pela morte e pela desgraça. Atrás dela estava o Memorial Park, uma enorme barraca branca que abrigava os restos empacotados a vácuo, não identificados ou não reclamados, dos mortos no Marco Zero. À frente e à esquerda ficava o prédio gótico de tijolinhos do antigo Hospital Psiquiátrico Bellevue, agora um abrigo para os sem-teto. Diante dele, havia uma rampa de acesso à área de carga do Instituto Médico Legal, com um portão de garagem de aço cinza, aberto. Um caminhão dava marcha a ré, descarregando mais paletes de compensado. Tinha sido um dia barulhento no necrotério, um martelar constante nos corredores, que propagavam o som como num anfiteatro. Os técnicos funerários estavam atarefados na montagem de urnas comuns de pinho, para adultos e crianças, com dificuldade para acompanhar a crescente demanda de sepultamentos no cemitério de indigentes de Potter's Field. Tinha a ver com a economia. Tudo tinha.

Scarpetta lamentava ter de carregar a caixinha de papelão com um cheeseburger e fritas. Quanto tempo teriam ficado esperando um cliente no balcão aquecido da cafeteria da Escola de Medicina da Universidade de Nova York? Era tarde para o almoço, quase três horas, e ela sabia muito bem a resposta à pergunta sobre o gosto do lanche, mas não tinha tempo de fazer um pedido ou de se dar ao trabalho de ir ao bufê de saladas para comer algo saudável, ou que pelo menos lhe desse algum prazer. Até aquela hora, tinham sido quinze casos: suicídios, acidentes, homicídios e indigentes mortos sem assistência médica ou, pior ainda, sozinhos.

Ela chegara ao trabalho às seis da manhã para começar mais cedo. Terminou as duas primeiras autópsias às nove, reservando a pior para o final: uma mulher jovem com ferimentos e elementos contraditórios que demandavam tempo. Scarpetta levou mais de cinco horas com Toni Darien, traçando diagramas detalhados, tomando notas, tirando dezenas de fotos, colocando o cérebro inteiro da mulher num balde de formol para análise posterior, coletando e conservando um número incomum de tubos com secreções e amostras de órgãos e tecidos, manipulando e documentando todo o possível num caso que, se não era raro, era inusitado por seus aspectos contraditórios.

O assassinato e a causa da morte da mulher de vinte e seis anos eram lamentavelmente comuns e não exigiriam um prolongado exame post mortem para que se respondesse às perguntas mais rudimentares. Ela morrera em decorrência de um trauma brusco, um único golpe na parte posterior da cabeça, desferido com um objeto cuja superfície provavelmente tinha várias cores. O que não fazia sentido era o resto. Quando o corpo foi encontrado, numa das esquinas do Central Park, a uns dez metros da rua 110 Leste, pouco antes do amanhecer, imaginou-se que ela estivesse correndo debaixo de chuva quando foi sexualmente atacada e morta. Sua legging de corrida e a calcinha estavam em volta dos tornozelos, o moletom e o top esportivo levantados acima dos seios. Havia um cachecol de lã acrílica amarrado em volta do pescoço com um nó duplo, e, à primeira vista, a polícia e os investigadores legistas do Instituto Médico Legal responsáveis pela cena do crime acharam que ela tinha sido estrangulada com uma peça de sua própria roupa.

Mas não tinha. Quando Scarpetta examinou o corpo no necrotério, nada foi encontrado que indicasse que o cachecol fosse o instrumento causador da morte, nem mesmo que tivesse contribuído para isso. Não havia sinal de asfixia, nenhuma reação vital como vermelhidão ou hematoma, apenas uma abrasão seca no pescoço, como se o cachecol tivesse sido amarrado depois da morte. Claro que era possível que o assassino tivesse golpeado a cabeça dela e, num momento posterior, a tivesse estrangulado, talvez achando que ainda não estava morta. Mas, nesse caso, quanto tempo ele teria passado com ela? Com base na contusão, no inchaço e na hemorragia encontrada no córtex cerebral, podia-

-se afirmar que ela sobrevivera ao golpe algum tempo, talvez horas. E no entanto havia muito pouco sangue na cena do crime. Foi só quando viraram o corpo de Toni que viram o ferimento na cabeça: uma lesão de quatro centímetros, bastante inchada, da qual corria um fio de líquido. A ausência de sangue foi atribuída à chuva.

Scarpetta tinha sérias dúvidas a esse respeito. O ferimento no couro cabeludo devia ter sangrado muito, e era pouco provável que uma chuva intermitente, no máximo moderada, tivesse lavado a maior parte do sangue dos cabelos longos e espessos da mulher. Teria o agressor lhe fraturado o crânio, e depois disso passado um longo tempo com ela ao relento, numa noite chuvosa de inverno, antes de apertar um cachecol em volta de seu pescoço para ter certeza de que ela não viveria para contar a história? Ou os nós fariam parte de um ritual sexual violento? Por que o livor mortis e o rigor mortis contradiziam o que a cena do crime aparentemente declarava? Toni parecia ter sido morta no parque, no fim da noite passada, ou seja, trinta e seis horas antes. Scarpetta estava intrigada com o caso. Talvez estivesse imaginando coisas. Talvez não estivesse pensando com clareza, até porque estava estressada e o nível de açúcar em seu sangue estava baixo, já que ela não comera nada o dia todo, só café, baldes de café.

Ela estava meio atrasada para a reunião das três horas com a equipe e precisava chegar em casa às seis para ir à academia e jantar com o marido, Benton Wesley, antes de ir correndo para a CNN, a última coisa que gostaria de fazer. Nunca devia ter aceitado aparecer no programa *Relatório Crispin*. Sabe Deus por que tinha concordado em conversar ao vivo com Carley Crispin sobre as mudanças post mortem sofridas pelos cabelos e a importância da microscopia e outras disciplinas da medicina forense, que eram mal compreendidas pela indústria do entretenimento, a mesma com que Scarpetta agora se envolvia. Ela passou pela área de descarga, com seu almoço na caixinha, entre pilhas de caixas e caixotes cheios de material de escritório e de necrotério, carrinhos de carga, carrinhos de mão, paletes. O vigia atrás do acrílico estava ocupado com o telefone e mal a viu quando ela passou por ele.

Ao chegar ao topo de uma rampa, ela abriu uma pesada porta metálica com o cartão magnético que trazia num cordão e entrou numa cripta

de azulejos brancos com detalhes verde-azulados que parecia levar a toda parte e a parte alguma. Quando começou a trabalhar ali como prestadora de serviços, vivia se perdendo. Ia dar no laboratório de antropologia quando procurava o de neuropatologia ou o de cardiologia, ou no vestiário masculino em vez do feminino, ou na sala de decomposição em vez da sala de autópsia, ou na câmara frigorífica errada, ou na escadaria errada, até mesmo no andar errado quando tomava o velho elevador de carga.

Em pouco tempo, ela captou a lógica daquela distribuição, seu fluxo circular inteligente, que começava na rampa de acesso. Da mesma forma que a área de carga, a rampa de acesso ficava atrás de um enorme portão de garagem. Quando a equipe de transporte do Instituto Médico Legal trazia um corpo, a maca era posta na rampa e passava por um detector de radiação que ficava sobre a porta. Se o alarme não disparasse, indicando a presença de material radioativo, como radiofármacos usados no tratamento de alguns tipos de câncer, a próxima parada seria na balança de plataforma, onde o corpo era pesado e medido. O destino seguinte ia depender das condições do corpo. Se estivesse em más condições, ou se fosse considerado potencialmente perigoso para os vivos, seria posto na câmara frigorífica de decomposição, próxima à sala de decomposição, onde a autópsia seria feita em isolamento, com ventilação adequada e outras medidas de precaução.

Se estivesse em boas condições, seria levado numa maca pelo corredor situado à direita da rampa de acesso, numa viagem que poderia incluir diversas paradas, a depender do estado de decomposição do corpo: a sala de raios X, a sala de coleta de amostras histológicas, o laboratório de antropologia forense, duas outras câmaras frigoríficas para corpos recentes que ainda não tinham sido examinados, o elevador para os que deveriam seguir para identificação no andar de cima, os armários para as provas periciais, a sala de neuropatologia, a sala de patologias cardíacas, a sala principal de autópsia. Depois do caso encerrado, com o corpo pronto para ser entregue, fechava-se o círculo com a viagem até perto da rampa de acesso, para uma outra câmara frigorífica, que era onde Toni Darien deveria estar agora, envolta num saco e dentro de uma gaveta.

Mas ela não estava lá. Permanecia numa maca estacionada diante da

porta de aço inoxidável da câmara frigorífica, onde uma técnica de identificação ajeitava um lençol azul em volta de seu pescoço, até o queixo.

“O que estamos fazendo?”, perguntou Scarpetta.

“Tivemos um certo tumulto lá em cima. Ela vai ser vista.”

“Por quem e por quê?”

“A mãe dela está no saguão e disse que não sai daqui sem vê-la. Não se preocupe. Eu cuido disso.” O nome da técnica era René, tinha trinta e poucos anos, cabelo preto e crespo, olhos de ébano, e era especialmente hábil para lidar com as famílias. Não era comum que surgissem problemas com parentes de mortos. Quase sempre René conseguia acalmá-los.

“Pensei que o pai tinha feito a identificação”, disse Scarpetta.

“Ele preencheu o formulário e viu a foto que você me enviou... Foi pouco antes de você descer à cantina. Minutos depois, a mãe chegou e os dois começaram a discutir no saguão, armaram uma confusão e ele acabou indo embora enfurecido.”

“São divorciados?”

“É óbvio que se detestam. Ela insiste em ver o corpo, não aceita um não como resposta.” As mãos de René, protegidas por luvas roxas de nitrilo, tiraram da testa da morta uma mecha de cabelo molhado e arrumaram outras mechas atrás das orelhas, para que as suturas da autópsia não ficassem aparentes. “Sei que você tem uma reunião de equipe daqui a pouco. Eu cuido disto.” René olhou para a caixa de papelão que Scarpetta segurava. “Você nem almoçou ainda. O que comeu hoje? Provavelmente nada, como sempre. Quantos quilos você perdeu? Vai acabar no laboratório de antropologia, confundida com um esqueleto.”

“Sobre o que eles discutiam no saguão?”, Scarpetta perguntou.

“Agências funerárias. A mãe quer uma que fica em Long Island, o pai prefere outra de New Jersey. A mãe quer enterro; o pai, cremação. Os dois ficaram lá brigando por causa dela.” René tocou de novo o cadáver, como se ele participasse da conversa. “E então começaram a se acusar mutuamente de tudo o que você possa imaginar. A certa altura, o doutor Edison apareceu, de tanto que eles gritavam.”

Ele era o legista chefe e também o chefe de Scarpetta enquanto ela estava trabalhando na cidade. Estava sendo um pouco difícil para ela se acostumar a ser supervisionada, tendo sido ela mesma chefe ou

profissional liberal durante a maior parte da carreira. Mas Scarpetta não gostaria de assumir o Instituto Médico Legal de Nova York, o que não quer dizer que tivesse sido convidada ou que provavelmente viesse a ser. Comandar uma repartição dessa magnitude seria como ser prefeita de uma metrópole.

“Bem, você sabe como funciona”, disse Scarpetta. “Um desentendimento, e o corpo não vai a parte alguma. Vamos dar um tempo na liberação do corpo até que o departamento jurídico resolva outra coisa. Você mostrou a foto à mãe, e daí?”

“Tentei, mas ela não quis olhar. Diz que quer ver a filha e que não vai embora antes disso.”

“Ela está na sala da família?”

“Deixei-a lá. Pus a pasta em sua mesa, com cópias do formulário.”

“Obrigada. Vou dar uma olhada quando subir. Você a leva para o elevador e eu cuido das coisas na outra ponta”, disse Scarpetta. “Talvez você possa avisar o doutor Edison de que não estarei na reunião das três. Na verdade, ela já começou. Com sorte, consigo vê-lo antes que vá para casa. Preciso falar com ele sobre este caso.”

“Vou avisá-lo.” René segurou o guidão da maca de aço. “Boa sorte na tv esta noite.”

“Diga ao doutor que baixei as fotos da cena do crime, mas só amanhã poderei mandá-las para ele e concluir o protocolo da autópsia.”

“Vi as chamadas do programa. São legais.” René ainda falava da televisão. “Mas não suporto Carley Crispin e aquele, como se chama, o que faz perfis psicológicos o tempo todo? Doutor Agee. Estou enjoada, cansada de ouvi-los falar sobre Hannah Starr. Aposto que Carley vai perguntar a você sobre isso.”

“A CNN sabe que não discuto casos em andamento.”

“Você acha que ela está morta? Eu tenho certeza de que está.” A voz de René perseguiu Scarpetta até o elevador. “Como era mesmo o nome dela em Aruba? Natalee? As pessoas só desaparecem por um motivo: alguém quer que elas desapareçam.”

Eles tinham prometido. Carley Crispin não faria isso com ela, não se atreveria. Scarpetta não era apenas mais uma médica-legista, uma pessoa de fora, um convidado pouco frequente, uma apresentadora, pensava ela

enquanto o elevador subia. Era a principal analista de medicina forense da CNN, e tinha sido claríssima com o produtor executivo do programa, Alex Bachta: não iria debater o caso de Hannah Starr, nem sequer falar sobre a bela gigante das finanças que tinha desaparecido na véspera do dia de Ação de Graças, tendo sido vista pela última vez ao sair de um restaurante em Greenwich Village e tomar um táxi. Se o pior tivesse acontecido, se ela estivesse morta e o corpo aparecesse na cidade de Nova York, ficaria dentro da jurisdição de Scarpetta e ela poderia acabar tendo de assumir o caso.

Scarpetta desceu no primeiro andar, seguiu por um longo corredor, passou pela Divisão de Operações Especiais. Atrás de outra porta trancada ficava o saguão, decorado com sofás e poltronas em bordô e azul, mesinhas e revisteiros, além de uma árvore de Natal e uma menorá na janela debruçada sobre a Primeira Avenida. Sobre a mesa da recepção, gravadas em mármore, as inscrições *Taceant colloquia. Effugiat risus. Hic locus est ubi mors gaudet succurrere vitae*. Que cessem as conversas. Que fuja o riso. Este é o lugar em que os mortos têm a alegria de ajudar os vivos. Um rádio detrás do balcão tocava “Hotel California”, dos Eagles. Filene, uma das seguranças, tinha decidido que o saguão vazio estava a seu dispor para enchê-lo com o que ela chamava de sua música.

“... Você pode se despedir quantas vezes quiser, mas nunca poderá partir”, cantarolava Filene baixinho, alheia à ironia.

“Alguém deve estar na sala da família, não?”, Scarpetta se deteve diante do balcão.

“Ah, desculpe.” Filene abaixou-se e desligou o rádio. “Não pensei que ela pudesse ouvir. Mas tudo bem. Não posso viver sem minha música. É que fico tão entediada, sabe? Sentada aqui o tempo inteiro e nada acontece.”

O que Filene costumava ver naquele lugar nunca era alegria, e esse era o motivo, mais do que o tédio, pelo qual ela ouvia seu rock suave alto-astral sempre que podia, estivesse na recepção ou lá embaixo, no escritório do necrotério. Scarpetta não se importava, desde que não houvesse parentes enlutados ouvindo música ou letras que pudessem ser provocantes ou interpretadas como desrespeitosas.

“Diga à senhora Darien que estou chegando”, disse Scarpetta. “Pre-

ciso de uns quinze minutos para verificar umas coisas e dar uma olhada no formulário. Vamos segurar o som até que ela vá embora, está bem?”

Diante do saguão, à esquerda, ficava a ala administrativa que ela dividia com o dr. Edison, dois assistentes executivos e a chefe da equipe, que estava em lua de mel até depois do Ano-Novo. Num prédio de meio século, sem espaço de sobra, não havia como instalar Scarpetta no terceiro andar, onde os patologistas forenses em tempo integral tinham suas salas. Quando ela estava na cidade, ocupava a antiga sala de conferências do chefe no térreo, com vista para a entrada de tijolos turquesa do Instituto Médico Legal na Primeira Avenida. Ela destrancou a porta e entrou. Pendurou o casaco, pôs a caixa do almoço sobre a mesa e se sentou diante do computador.

Abriu um buscador na internet e digitou *BioGraph*. Na parte superior da tela apareceu a pergunta *Você quis dizer: Biography*. Não, ela não quis. *Biograph Records*. Nada do que ela procurava. *American Mutoscope and Biograph Company*, a mais antiga empresa cinematográfica dos Estados Unidos, fundada em 1895 por um inventor que trabalhara para Thomas Edison, este, por sua vez, antepassado distante do chefe do Instituto Médico Legal, num grau de parentesco remoto. Coincidência interessante. Nenhuma ocorrência para *BioGraph* com B e G maiúsculos, como estava escrito na parte de trás do estranho relógio que Toni Darien usava no pulso esquerdo quando o cadáver chegara ao necrotério naquela manhã.

Nevava forte em Stowe, Vermont. Grandes flocos de neve caíam pesadamente e se amontoavam nos galhos dos abetos e pinheiros. Os cabos do teleférico que cruzava as Montanhas Verdes pareciam uma tênue teia de aranha, paralisada e quase invisível no meio da tempestade. Ninguém esquiando naquele troço, ninguém fazendo nada que não fosse ficar em casa.

O helicóptero de Lucy Farinelli permanecia retido perto de Burlington. Pelo menos estava a salvo num hangar, mas Lucy e Jaime Berger, promotora distrital do condado de Nova York, não iriam a parte alguma nas próximas cinco horas — talvez mais, não antes das nove da noite — enquanto esperavam que a tempestade se deslocasse para o sul. Por volta

das nove, o tempo permitiria as condições de voo, com teto acima de três mil pés, visibilidade de cinco milhas ou mais e vento nordeste de trinta nós. Mesmo enfrentando um vento de popa infernal na volta para Nova York, elas chegariam a tempo para o que tinham de fazer, mas Berger estava de péssimo humor, tinha ficado o tempo todo ao telefone na outra sala, sem fazer o menor esforço para ser agradável. A seu ver, o mau tempo tinha retido as duas mais do que o pretendido, e como era Lucy quem pilotava, a culpa era dela. De nada importava que a previsão do tempo tivesse errado feio, que o que começara como duas tempestades pequenas tivessem se unido na altura de Saskatchewan, Canadá, convergindo com uma massa de ar do ártico para criar uma espécie de monstro.

Lucy baixou o volume do vídeo do YouTube, um solo de bateria de Mick Fleetwood para “World Turning”, gravado ao vivo num show de 1987.

“Está me ouvindo?”, perguntou ao telefone a sua tia Kay. “O sinal está péssimo e o tempo não ajuda.”

“Muito melhor. Como está indo a busca?” A voz de Scarpetta chegou até Lucy.

“Até agora não encontrei nada. O que é estranho.”

Lucy tinha três MacBooks ligados, cada tela dividida em quadrantes que mostravam as atualizações do Centro Meteorológico para a Aviação, um fluxo de dados de pesquisas sobre redes neurais, links que avisavam que poderiam conduzir a sites de interesse, o e-mail de Hannah Starr, o e-mail de Lucy e uma gravação feita por uma câmera de segurança do ator Hap Judd usando jaleco no necrotério do Hospital Park General antes de ficar famoso.

“Tem certeza do nome?”, ela perguntou, percorrendo os monitores com os olhos, o pensamento saltando de um assunto a outro.

“Tudo o que sei é o que está gravado no fundo de aço.” A voz de Scarpetta parecia séria e apressada. “BioGraph.” Soletrou outra vez. “É um número de série. É possível que não seja encontrado pelos navegadores comuns. É como os vírus. Se você já não souber o que está procurando, não vai encontrar.”

“Não é como um software antivírus. Os buscadores que eu uso não empregam esse tipo de software. Faço buscas de código aberto. Não es-

tou encontrando BioGraph porque não existe na internet. Não há nada publicado sobre isso. Em nenhum fórum, em nenhum blog, em nenhuma base de dados, em parte alguma.”

“Por favor, só não vá invadir sistemas”, disse Scarpetta.

“Ora, eu só exploro a vulnerabilidade dos sistemas.”

“Claro, se uma porta está sem chave e você entra na casa de alguém, isso não é invasão de propriedade.”

“Não há menção alguma a BioGraph, senão eu a teria encontrado.” Lucy não ia entrar na polêmica habitual entre elas, de que os fins justificam os meios.

“Não sei como isso é possível. O relógio parece bem sofisticado, tem até uma porta USB. É preciso carregá-lo, provavelmente numa docking station. Deve ser bastante caro.”

“Não encontro nada, nem procurando sobre relógios ou aparelhos ou seja lá o que for.” Lucy observava os resultados que se sucediam, a busca de sua rede neural passando por uma infinidade de palavras-chave, textos de âncora, arquivos, URLs, tags, endereços de e-mail e endereços IP. “Procuro, procuro e não acho nada parecido com o que você descreveu.”

“Tem de haver uma maneira de saber o que é isso.”

“Isso não é nada. O que estou dizendo”, disse Lucy, “é que não existe nenhum relógio ou dispositivo BioGraph, nem coisa alguma que pudesse remotamente se encaixar com o que Toni Darien estava usando. O relógio BioGraph dela não existe.”

“O que você quer dizer com ‘não existe’?”

“Quero dizer que não existe na internet, dentro da rede de comunicação ou, metaforicamente, no ciberespaço. Em outras palavras, o relógio BioGraph não existe no mundo virtual”, disse Lucy. “Se eu vir fisicamente essa coisa, provavelmente saberei do que se trata. Principalmente se você tiver razão e for algo como um coletor de dados.”

“Não posso mostrá-lo a você antes que os laboratórios terminem de examiná-lo.”

“Merda, não deixe que eles usem chaves de fenda e martelos”, disse Lucy.

“Não, eles só estão pesquisando DNA. A polícia já procurou impres-

sões digitais. Por favor, diga a Jaime que ela pode me ligar quando quiser. Espero que estejam se divertindo. Lamento estar sem tempo para conversar agora.”

“Se eu a vir, direi isso a ela.”

“Ela não está com você?”, sondou Scarpetta.

“O caso Hannah Starr e agora este. Jaime está um pouco enrolada, com muita coisa na cabeça. Você mais do que ninguém sabe como é isso.” Lucy não estava disposta a discutir sua vida pessoal.

“Espero que ela tenha passado um aniversário feliz.”

Lucy não queria falar sobre o assunto. “Como está o tempo aí?”

“Está ventando, frio. Nublado.”

“Vocês vão ter mais chuva, talvez neve, no norte da cidade”, disse Lucy. “O tempo pode abrir lá pela meia-noite, porque a tempestade está perdendo força ao dirigir-se para aí.”

“Vocês duas estão quietinhas, espero.”

“Se eu não puser esta máquina para voar, Jaime vai sair atrás de um trenó de cachorros.”

“Me ligue antes de sair e, por favor, tenha cuidado”, disse Scarpetta. “Tenho de desligar, preciso falar com a mãe de Toni Darien. Estou com saudades. Vamos jantar, fazer alguma coisa um dia desses?”

“Claro”, disse Lucy.

Lucy desligou e aumentou o som do YouTube outra vez, com Mick Fleetwood ainda na bateria. Com as duas mãos nos MacBooks, como se estivesse dando seu próprio show com um solo de teclado, ela clicou em outra atualização da meteorologia e num e-mail que acabava de chegar à caixa de correio de Hannah Starr. As pessoas eram esquisitas. Se você conhece alguém que desapareceu e pode até ter morrido, por que continua a lhe mandar e-mails? Por acaso o marido de Hannah Starr seria estúpido, pensou Lucy, a ponto de não lhe ocorrer que o Departamento de Polícia de Nova York e a promotoria distrital estariam monitorando os e-mails de Hannah, ou que contratariam uma perita em informática forense como ela para isso? Durante as três últimas semanas, Bobby vinha mandando mensagens diárias a sua esposa desaparecida. Talvez soubesse exatamente o que estava fazendo, querendo que os agentes da lei vissem que ele escrevia para sua *bien-aimée*, seu chuchuzinho, seu *amore mio*, o

amor de sua vida. Se a tivesse matado, não estaria escrevendo mensagens de amor para ela, não é mesmo?

De: Bobby Fuller

Enviada em: quinta-feira, 18 de dezembro 15:24

Para: Hannah

Assunto: Non posso vivere senza di te

Minha pequena,

Espero que você esteja em segurança e lendo isto. Meu coração, levado pelas asas de minha alma, vai encontrá-la onde quer que você esteja. Não se esqueça. Não consigo comer nem dormir. B.

Lucy checou o endereço IP dele, já o reconhecia com uma olhada. Era do apartamento de Bobby e Hannah em North Miami Beach onde ele definhava, escondido da imprensa num entorno palaciano que Lucy conhecia muito bem. Tinha estado nesse mesmo apartamento, não fazia muito tempo, com a adorável ladra que ele tinha como esposa. Sempre que Lucy via um e-mail de Bobby, se perguntava como ele se sentiria se acreditasse realmente que Hannah estava morta.

Ou talvez ele soubesse que ela estava morta, ou que não estava. Talvez soubesse exatamente o que tinha acontecido por ter algo a ver com isso. Lucy não fazia ideia, e quando tentava se pôr no lugar dele, não conseguia. Tudo o que importava para ela era que Hannah estava colhendo o que tinha semeado, e colhia mais cedo do que seria de se esperar. Ela merecia tudo o que lhe havia acontecido, tinha perdido tempo e dinheiro de Lucy e agora lhe roubava algo muito mais precioso. Três semanas de Hannah. Nada com Berger. Mesmo quando ela e Lucy estavam juntas, estavam separadas. Lucy estava assustada. Estava furiosa. Às vezes se sentia capaz de fazer coisas terríveis.

Ela encaminhou o último e-mail de Bobby para Berger, que estava andando de cá para lá na outra sala. O som de seus passos na madeira de lei. Lucy ficou curiosa a respeito de um website cujo endereço começava a piscar num quadrante de um dos MacBooks.

“E agora, o que estamos tramando?”, disse ela para a sala vazia da cabana que alugara para uma escapada-surpresa no aniversário de Berger num resort cinco estrelas com conexão sem fio de alta velocidade, lareiras, colchões de penas e lençóis de algodão de oitocentos fios. A escapada tinha tudo menos o que se pretendia — intimidade, romantismo, diversão — e Lucy punha a culpa em Hannah, em Hap Judd, em Bobby, em todo mundo. Lucy se sentia perseguida por eles e rejeitada por Berger.

“Isso é ridículo”, disse Berger ao entrar, referindo-se ao mundo além das janelas, tudo branco, só a forma das árvores e a silhueta dos telhados através da neve que caía em lufadas. “Será que algum dia vamos sair daqui?”

“E o que é isto agora?”, resmungou Lucy, clicando num link.

A busca de um endereço IP tinha localizado um site hospedado pelo Centro de Antropologia Forense da Universidade do Tennessee.

“Com quem você estava falando?”, perguntou Berger.

“Com minha tia. Agora estou falando comigo mesma. Preciso falar com alguém.”

Berger ignorou a indireta, não estava a fim de se desculpar por ter dito o que não podia evitar. Não era culpa dela se Hannah Starr tinha desaparecido, se Hap Judd era um depravado que devia ter informações, e, como se isso não bastasse, agora uma corredora tinha sido estuprada e morta no Central Park na noite passada. Berger devia dizer a Lucy que precisava ser mais compreensiva. Que não devia ser tão egoísta. Precisava crescer e parar de ser insegura e carente.

“Podemos passar sem a bateria enlouquecedora?” As dores de cabeça de Berger estavam de volta. Acontecia com frequência.

Lucy saiu do YouTube e a sala ficou em silêncio, nenhum barulho além do gás queimando na lareira. “Mais do mesmo troço maluco”, disse ela.

Berger pôs os óculos e inclinou-se para olhar. Tinha cheiro de óleo de banho Amorvero, não usava maquiagem, nem precisava. O cabelo curto e escuro despenteado, ela estava muito sensual, vestida com um conjunto de moletom preto sem nada por baixo, o casaco com o zíper aberto, deixando à vista o colo, embora ela não quisesse dizer nada com

aquilo. Lucy não sabia o que Berger queria dizer, ou por onde andavam seus pensamentos nos últimos dias, a maior parte do tempo. Presente não estava, pelo menos não emocionalmente. Lucy teve vontade de abraçá-la, mostrar-lhe o que costumava acontecer entre elas, como as coisas eram antes.

“Ele está no site da fazenda de corpos, e duvido que esteja pensando em se matar e doar o corpo para a ciência”, disse Lucy.

“De quem você está falando?” Berger estava lendo um formulário que aparecia na tela de um dos MacBooks, cujo cabeçalho dizia:

Centro de Antropologia Forense
Universidade do Tennessee, Knoxville
Questionário de doação de corpo

“De Hap Judd”, disse Lucy. “Ele aparece ligado a este site pelo endereço IP, porque acaba de usar um nome falso para fazer uma encomenda. Espere, vamos ver o que esse canalha está pretendendo, vamos seguir essa pista.” Abriu páginas da internet. “Nesta tela agora. Fordisc Software. Um programa interativo de computador que roda em plataforma Windows. Classifica e identifica restos de esqueletos. O cara é mórbido mesmo. Isso não é normal. Estou te dizendo, ele vai nos levar a alguma coisa.”

“Vamos ser francas. Você acha que vai chegar a alguma coisa porque quem procura acha”, disse Berger, deixando implícito que Lucy não estava sendo franca. “Está tentando encontrar indícios para aquilo que você já acha que aconteceu.”

“Estou encontrando indícios porque ele está deixando indícios”, disse Lucy. Fazia semanas que elas vinham discutindo sobre Hap Judd. “Não sei por que você é tão cética. Acha que estou inventando tudo?”

“Quero falar com ele sobre Hannah Starr, e você quer crucificá-lo.”

“Você precisa meter muito medo nele se quiser que ele fale. Principalmente sem a presença de uma droga de advogado. Eu dei um jeito para que isso aconteça, para lhe dar o que você quer.”

“Se algum dia conseguirmos sair daqui e se ele aparecer.” Berger se afastou da tela do computador e disse decidida: “Talvez ele vá fazer

um antropólogo, um arqueólogo, um explorador em seu próximo filme. Algum *Caçadores da arca perdida* ou outro desses filmes de múmias, com tumbas e maldições antigas”.

“Certo”, disse Lucy. “Método de interpretação, imersão total em seu próximo personagem pervertido, escrevendo outro de seus paupérrimos roteiros. Esse será o álibi que vai apresentar quando formos atrás dele por causa do Park General e de seus interesses bizarros.”

“Nós *não* vamos atrás dele. Eu vou. Você não vai fazer nada além de mostrar a ele o que encontrou em suas pesquisas de computador. Marino e eu vamos conversar com ele.”

Lucy verificaria isso mais tarde com Pete Marino, quando não houvesse risco de Berger ouvir a conversa. Ele não tinha o menor respeito por Hap Judd e com certeza não tinha medo dele. Marino não tinha escrúpulo em investigar uma pessoa famosa ou metê-la na cadeia. Berger parecia intimidada por Judd, Lucy não entendia por quê. Nunca tinha visto Berger intimidada por quem quer que fosse.

“Venha cá.” Lucy puxou-a para perto de si, sentou-a no colo. “O que está acontecendo com você?” Fez-lhe um chamego nas costas, deslizou as mãos por dentro do casaco de moletom. “Por que está tão assustada? Vai ser uma longa noite. Devíamos tirar um cochilo.”

Grace Darien tinha cabelos longos e escuros, o mesmo nariz arrebitado e os lábios carnudos de sua filha assassinada. Com o casaco de lã vermelha abotoado até o pescoço, parecia miúda e acabrunhada diante da janela que dava para a cerca de ferro preto e para os tijolinhos cobertos por uma trepadeira seca do Bellevue. O céu estava cor de chumbo.

“Senhora Darien? Sou a doutora Scarpetta.” Entrou na sala das famílias e fechou a porta.

“É possível que tenha havido um engano.” A sra. Darien afastou-se da janela, com as mãos muito trêmulas. “Continuo achando que isso não é possível. Não pode ser. É outra pessoa. Como vocês podem ter certeza?” Sentou-se à mesinha de madeira perto do bebedouro, com a fisionomia perplexa e inexpressiva, um laivo de terror nos olhos.

“Fizemos uma identificação preliminar de sua filha por meio dos

objetos pessoais encontrados pela polícia.” Scarpetta puxou uma cadeira e sentou-se diante da mulher. “Seu ex-marido também viu uma foto.”

“A que tiraram aqui.”

“Sim. Por favor, permita-me dizer que lamento muitíssimo.”

“Ele chegou a dizer que só a vê uma ou duas vezes por ano?”

“Vamos comparar a arcada dentária dela com o prontuário do dentista e faremos teste de DNA, se necessário”, disse Scarpetta.

“Posso lhe dar os dados do dentista. Ela ainda vai ao mesmo que eu.” Grace Darien remexeu dentro da bolsa, e um batom e um estojo de pó tilintaram sobre a mesa. “A pessoa com quem falei quando cheguei em casa e ouvi a mensagem. Não consigo lembrar o nome, uma mulher. Depois ligou outro detetive, um homem. Mario, Marinaro.” A voz dela tremia e ela piscava para reter as lágrimas, tirando um bloquinho e uma caneta.

“Pete Marino?”

Ela rabiscou alguma coisa e arrancou a página, as mãos desajeitadas, quase paralisadas. “Não sei de cabeça o telefone de nosso dentista. Aqui estão o nome e o endereço.” Estendeu o papel a Scarpetta. “Marino. Acho que sim.”

“É um detetive do Departamento de Polícia de Nova York, locado no escritório da promotora distrital Jaime Berger. O departamento dela vai assumir a investigação criminal.” Scarpetta enfiou o papel na pasta que René tinha deixado para ela.

“Ele disse que estavam indo ao apartamento de Toni para pegar a escova de cabelos, a escova de dentes. Provavelmente já foram, não sei, não me disseram mais nada”, continuou a senhora Darien, com a voz trêmula e pastosa. “A polícia falou primeiro com Larry porque eu não estava em casa. Fui levar o gato ao veterinário. Tive de pôr o gato para dormir, imagine que situação. Era isso o que eu estava fazendo enquanto eles tentavam me encontrar. O detetive da promotoria disse que poderiam obter o DNA em objetos do apartamento dela. Não entendo como vocês podem ter certeza de que é ela se ainda não fizeram os testes.”

Scarpetta não tinha dúvida sobre a identidade de Toni Darien. A carteira de motorista e as chaves do apartamento estavam num bolso do agasalho que chegou com o corpo. Raios X post mortem mostraram

fraturas cicatrizadas na clavícula e no braço direito, coincidentes com os ferimentos sofridos por Toni cinco anos antes quando foi atropelada andando de bicicleta, segundo informações do Departamento de Polícia de Nova York.

“Falei com ela sobre isso de correr na cidade”, disse a senhora Darien. “Não sei quantas vezes, mas ela nunca corria depois do anoitecer. Não sei por que teria saído na chuva. Ela detesta correr na chuva, principalmente se estiver fazendo frio. Acho que deve haver um engano.”

Scarpetta pôs uma caixa de lenços mais perto dela. “Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, tirar algumas dúvidas antes que a senhora a visse. Pode ser?” Depois de vê-la, Grace Darien não teria condições de falar. “Qual foi a última vez que teve contato com sua filha?”

“Terça de manhã. Não sei exatamente a que horas, provavelmente por volta das dez. Liguei para ela e conversamos.”

“Dois dias atrás, dezesseis de dezembro.”

“Sim.” Ela enxugou os olhos.

“Nada desde então? Nenhum outro telefonema, correio de voz, e-mail?”

“Não conversávamos nem trocávamos e-mails todos os dias, mas ela mandou uma mensagem de texto. Posso mostrá-la.” Pegou a carteira. “Devo ter dito isso ao detetive, eu acho. Como disse que ele se chamava?”

“Marino.”

“Ele queria o endereço de e-mail dela, porque disse que vão precisar vê-lo. Dei o endereço, mas é claro que não sei a senha.” Ela revirou a bolsa em busca do telefone, dos óculos. “Liguei para Toni na terça de manhã para perguntar se ela queria peru ou tender. Para o Natal. Ela não quis nem um nem outro. Disse que ia trazer peixe, e eu disse que comeria o que ela quisesse. Foi uma conversa normal, principalmente sobre coisas como essa, já que os dois irmãos dela virão. Todos nós juntos em Long Island.” Tirou o telefone da bolsa, pôs os óculos e começou a procurar algo com as mãos trêmulas. “É lá que eu moro. Em Islip. Sou enfermeira, trabalho no Hospital Mercy.” Deu o telefone a Scarpetta. “Essa é a mensagem que ela mandou na noite passada.” Puxou mais lenços da caixa.

Scarpetta leu a mensagem:

De: Toni

Ainda estou tentando tirar uns dias de folga mas o Natal é uma loucura. Alguém tem de me substituir, e ninguém quer, principalmente por causa do horário. XXOO

CB# 917-555-1487

Recebida em: quarta-feira, 17 dez. 20:07

“Este 917 é o telefone de sua filha?”, perguntou Scarpetta.

“É o celular dela.”

“Pode me explicar o que ela quis dizer com essa mensagem?” Ela queria ter certeza de que Marino ficaria sabendo disso.

“Ela trabalha à noite e nos fins de semana, e está tentando conseguir alguém que a substitua para tirar uma folga durante as festas”, disse a sra. Darien. “Os irmãos dela estão vindo.”

“Seu ex-marido disse que ela trabalhava como garçonne no Hell’s Kitchen.”

“Ele deve ter dito isso como se ela servisse pratos feitos ou fritasse hambúrgueres. Ela trabalha no lounge do High Roller Lanes, um lugar ótimo, de muita classe, não é um boliche vagabundo qualquer. Ela quer ter seu próprio restaurante um dia, em Las Vegas, Paris ou Monte Carlo.”

“Ela trabalhou na noite passada?”

“Normalmente, ela não trabalha na quarta-feira. Costuma ter folga de segunda a quarta, e depois trabalha muitas horas de quinta a domingo.”

“Os irmãos sabem o que aconteceu?”, perguntou Scarpetta. “Não seria bom que ficassem sabendo pelos jornais.”

“Larry provavelmente lhes contou. Eu teria esperado um pouco. Pode não ser verdade.”

“Queremos dar atenção a qualquer pessoa que por algum motivo não deva ficar sabendo pelos jornais.” Scarpetta foi o mais cortês que pôde. “Ela teria um namorado? Alguma outra pessoa importante?”

“Bem, imagino que sim. Estive no apartamento de Toni em setembro e havia todos aqueles bichinhos de pelúcia na cama, um monte de perfumes e coisas assim, e ela não explicou bem de onde tinham vindo. E no Dia de Ação de Graças ficou o tempo todo às voltas com mensagens de texto, ora alegre, ora chateada. Você sabe como as pessoas são quando

se apaixonam. Só sei que ela conhece muita gente no trabalho, uma porção de homens atraentes e interessantes.”

“É possível que ela tenha contado alguma coisa para seu ex-marido? Sobre um namorado, por exemplo?”

“Eles não tinham intimidade. O que a senhora não sabe é por que ele está fazendo isso, o que Larry pretende na verdade. É tudo para me atingir e fazer todo mundo pensar que ele é um pai dedicado e não o bêbado e jogador compulsivo que abandonou a família. Toni nunca ia querer ser cremada e, se o pior aconteceu, vou contratar a mesma agência funerária que cuidou de minha mãe, a Levine and Sons.”

“Até que a senhora e o senhor Darien entrem em acordo sobre o destino dos restos de Toni, temo que o Instituto Médico Legal não libere o corpo”, disse Scarpetta.

“Vocês não podem lhe dar ouvidos. Ele deixou Toni quando ela ainda era um bebê. Por que alguém lhe daria ouvidos?”

“A lei exige que desentendimentos como o de vocês sejam resolvidos, se necessário nos tribunais, antes que o corpo seja liberado”, disse Scarpetta. “Sinto muito. Sei que a última coisa de que a senhora precisa é de mais frustração e preocupação.”

“Que direito ele tem de aparecer de repente, depois de vinte e tantos anos, fazendo exigências, querendo objetos pessoais dela? Brigar comigo no saguão e dizer àquela garota que queria os pertences de Toni, fosse lá o que fosse que ela tivesse consigo quando chegou, pode até não ser ela. Dizer aquelas coisas horríveis sem piedade! Estava bêbado e só viu um retrato. E a senhora acredita nisso? Oh, Deus. O que é que eu vou ver? Diga-me o que é para eu saber, o que devo esperar.”

“A causa da morte de sua filha foi um trauma forte e brusco que fraturou o crânio e atingiu o cérebro”, disse Scarpetta.

“Alguém lhe deu uma pancada na cabeça.” A voz dela tremeu, e ela desatou a chorar.

“Sim. Ela sofreu um ferimento grave na cabeça.”

“Quantos? Um só?”

“Senhora Darien, devo avisá-la desde já que qualquer coisa que eu lhe disser é sigilosa, e que é meu dever ter cuidado e bom senso sobre aquilo que estamos discutindo agora”, disse Scarpetta. “É fundamental

que nenhuma informação que possa nos ajudar a encontrar o agressor de sua filha vaze. Espero que a senhora compreenda. Depois que a investigação policial terminar, poderemos marcar um encontro e discutir tudo em detalhes, como a senhora gostaria.”

“Toni estava correndo na chuva no lado norte do Central Park ontem à noite? Para começo de conversa, o que ela estaria fazendo lá? Alguém se preocupou em fazer essa pergunta?”

“Todos nós temos uma porção de perguntas, mas infelizmente até agora há pouquíssimas respostas”, disse Scarpetta. “Mas pelo que sei, sua filha tem um apartamento no Upper East Side, na Segunda Avenida. Fica a vinte quadras do lugar em que ela foi encontrada, o que não é muito para uma corredora assídua.”

“Mas isso foi no Central Park depois de escurecer. Perto do Harlem depois de escurecer. Ela nunca estaria correndo num lugar desses depois de escurecer. E ela detestava chuva. Detestava sentir frio. Alguém chegou por trás dela? Ela lutou com ele? Oh, meu Deus.”

“Repito o que disse a respeito de detalhes, sobre o cuidado que precisamos ter neste momento”, disse Scarpetta. “O que posso lhe dizer é que não encontrei sinais óbvios de luta. Ao que parece, Toni levou um golpe na cabeça, o que causou uma grande contusão e uma hemorragia cerebral, com um período de sobrevivência que durou o bastante para uma reação dos tecidos.”

“Mas ela não devia estar consciente.”

“O que encontramos indica um período de sobrevivência, mas é isso mesmo, ela não devia estar consciente. Ela não deve ter tido ideia alguma do que aconteceu, da agressão. Não podemos ter certeza até que saiam os resultados de alguns exames.” Scarpetta abriu a pasta, tirou dela o histórico médico e colocou-o diante da sra. Darien. “Seu ex-marido preencheu. Ficaria grata se a senhora desse uma olhada.”

O formulário tremia nas mãos da sra. Darien, que o percorria com os olhos.

“Nome, endereço, lugar de nascimento, nome dos pais. Por favor, diga-me se devo corrigir alguma coisa”, disse Scarpetta. “Se ela tinha pressão alta, diabetes, hipoglicemia, problemas de saúde mental... Ou se estava grávida, por exemplo.”

“Ele marcou *não* para tudo. Que diabos ele sabe?”

“Não sofria de depressão, mau humor, mudança de comportamento que tenham lhe parecido estranhos?” Scarpetta pensava no relógio Bio-Graph. “Tinha dificuldade para dormir? Alguma coisa diferente estava acontecendo? A senhora disse que a hora tardia não era habitual a Toni.”

“Talvez algum problema com um namorado, ou no trabalho, já que a economia está desse jeito. Algumas das garotas que trabalham com ela foram demitidas”, disse a sra. Darien. “Ela estava meio para baixo, como todo mundo. Principalmente nesta época do ano. Ela não gosta do inverno.”

“Sabe se ela tomava algum remédio?”

“Só remédios sem receita, pelo que sei. Vitaminas. Ela se cuida muito.”

“Me interessa saber quem é o clínico dela, seu médico, ou médicos. O senhor Darien não preencheu essa parte.”

“É porque ele não sabe. Nunca pagou as contas. Toni se sustentava desde o colégio, e não sei bem quem é seu médico. Ela nunca fica doente, tem mais energia que qualquer pessoa que eu conheça. Sempre em atividade.”

“Sabe de alguma joia que ela usasse no dia a dia? Anéis, pulseira, um cordão que raramente tirasse?”, perguntou Scarpetta.

“Não sei.”

“Algum relógio?”

“Acho que não.”

“Um relógio digital esportivo, de plástico preto? Um relógio preto grande? Viu alguma coisa assim com ela?”

A sra. Darien fez que não.

“Já vi relógios como esses usados por pessoas que estão se submetendo a exames médicos. Em sua profissão, a senhora com certeza já os viu também. Relógios que são monitores cardíacos, ou são usados por pessoas que têm distúrbios do sono, por exemplo”, disse Scarpetta.

Houve um lampejo de esperança nos olhos da sra. Darien.

“E quando a senhora viu Toni no Dia de Ação de Graças, ela não estava usando um relógio como o que acabo de descrever?”

“Não.” A sra. Darien balançou a cabeça. “É o que eu quero dizer. Pode não ser ela. Nunca a vi usando uma coisa dessas.”

Scarpetta perguntou se ela queria ver o corpo agora. Ambas se levantaram e entraram numa sala contígua, pequena e nua, que tinha apenas umas fotos de vistas de Nova York nas paredes verde-claras. Havia uma janela interna que chegava à cintura de uma pessoa, mais ou menos da altura de um ataúde sobre um suporte, e do outro lado havia uma tampa de aço — na verdade, a porta do elevador que trouxera o corpo de Toni do necrotério.

“Antes de abrir a tampa, gostaria de explicar o que a senhora verá”, disse Scarpetta. “Quer se sentar no sofá?”

“Não. Não, obrigada. Prefiro ficar de pé. Estou pronta.” Os olhos dela, arregalados, revelavam pânico, e ela ofegava.

“Vou apertar um botão.” Scarpetta mostrou um painel na parede com três botões, dois pretos e um vermelho, como os dos elevadores antigos. “Quando a tampa se abrir, o corpo vai estar bem aqui.”

“Sim. Compreendo. Estou pronta.” Ela mal podia falar, apavorada. Tremia como se estivesse congelando e respirava tão rápido como se tivesse acabado de fazer exercícios.

“O corpo está numa maca, dentro do elevador, do outro lado da janela. A cabeça estará para o lado esquerdo. O resto do corpo está coberto.”

Scarpetta apertou o botão preto superior, e a porta de aço se abriu em duas folhas com um forte rangido. Através do acrílico riscado, via-se Toni Darien amortalhada em azul, o rosto lívido, os olhos fechados, lábios secos e descorados, o cabelo longo e negro ainda molhado. A mãe dela apertou as palmas das mãos contra a janela. Apoiando-se para não cair, ela começou a gritar.